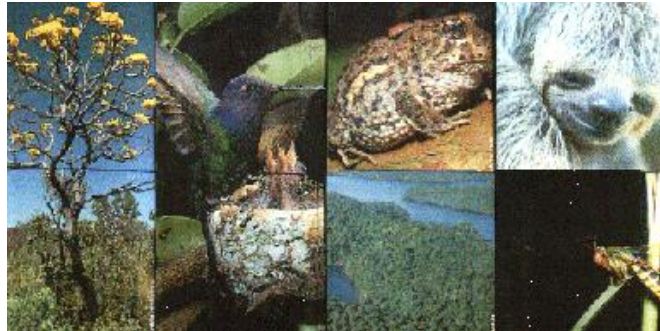


USO RACIONAL DOS RECURSOS NATURAIS



No cálculo que se tornou clássico na literatura científica popular, o astrônomo Carl Sagan (1934-1996) propôs que se toda a história do universo pudesse ser comprimida em um único ano, os seres humanos teriam surgido na Terra há apenas sete minutos. Nesse período, o homem inventou o automóvel e o avião, viajou à Lua e voltou, criou a escrita, a música e a internet, venceu doenças, triplicou sua própria expectativa de vida. Mas foram também sete minutos em que a espécie humana agrediu a natureza mais que todos os outros seres vivos do planeta em todos os tempos. A natureza está agora cobrando a conta pelos excessos cometidos na atividade industrial, na ocupação humana dos últimos redutos selvagens e na interferência do homem na reprodução e no crescimento dos animais que domesticou.



BENS PRECIOSOS

A começar por seus bens mais preciosos, a água e o ar, o balanço da atividade humana mostra uma tendência suicida. Com a mesma insolência de quem joga uma casca de banana ou uma lata de refrigerante pela janela do carro pensando que se está livrando da sujeira, a humanidade despeja na natureza todos os anos 30 bilhões de toneladas de lixo. Quem mais sofre com a poluição são os recursos hídricos. Embora dois terços do planeta sejam água, apenas uma fração dela se mantém potável. Como resultado, a falta aguda de água já atinge 1,2 bilhão de pessoas em todo o mundo. Quatro em cada dez seres humanos já são obrigados a racionar o líquido. Pior. Por problemas principalmente de poluição, os mananciais, que ficaram estáveis por séculos, hoje estão diminuindo de volume em todos os continentes, enquanto a população aumenta. Se a Terra fosse do tamanho de uma bola de futebol, a atmosfera teria a espessura do fio de uma lâmina de barbear. Pois bem, essa estrutura delicada vem recebendo cargas de fumaça e gases venenosos num ritmo alucinante. Segundo avaliação do Worldwatch Institute, em um único dia a humanidade e suas máquinas jogam na atmosfera mais gás carbônico que todos os seus antepassados em um século. Apenas um terço das florestas que viram a chegada dos colonizadores europeus às Américas ainda está de pé. O Brasil é quase uma vitrine da destruição tocada pelo homem. O país já perdeu 93% da Mata Atlântica, 50% do cerrado e 15% da Floresta Amazônica. E a motosserra continua em ação. Individualmente, as agressões acima seriam absorvidas pelo ecossistema global, acostumado a catástrofes naturais. O problema é que houve uma orquestração. Sem se dar conta, os 6 bilhões de pessoas tornaram-se um fardo pesado demais para o planeta, tanto sobre o solo quanto no mar e no ar.



ONU alerta para deterioração do ecossistema.

A atual deterioração do ecossistema mundial, devido à constante exploração dos recursos naturais, poderá ter conseqüências devastadoras sobre o desenvolvimento humano e a vida de todas as espécies animais, segundo divulga o relatório da ONU "Recursos Mundiais 2000-2001",

O estudo recomenda aos governos que revisem suas políticas ambientais e estudem novas formas de crescimento econômico, para conservar os recursos essenciais ao ser humano.

As conclusões do informe, elaborado conjuntamente pelas agências de desenvolvimento e meio ambiente das Nações Unidas, o Banco Mundial e o Instituto de Recursos Mundiais, são preocupantes: a metade das terras férteis desapareceu nos últimos cem anos; as florestas mundiais também perderam a metade de sua superfície devido às crescentes necessidades habitacionais da população mundial; 9% das variedades das espécies de árvores correm risco de extinção; o desflorestamento tropical segue grande; as frotas pesqueiras são 40% maiores do que a capacidade dos oceanos; 20% dos peixes de água doce correm risco de extinção. Esses são apenas alguns dados apresentados pelo estudo, que destaca a absoluta despreocupação pelo meio ambiente nos países ricos e pobres. "Durante muito tempo as prioridades de desenvolvimento se concentraram no que podemos extrair do ecossistema, sem dar atenção ao impacto de nossas ações", disse o chefe da agência de desenvolvimento da ONU (UNDP), Mark Malloch Brown. "Os governos e as empresas devem repensar seus critérios de crescimento econômico", disse James Wolfensohn, presidente do Banco Mundial. "Os pobres, que com freqüência dependem diretamente do ecossistema para sobreviver, são os que mais sofrem quando ele se degrada."



Conhecimento escasso

Klaus Topfer, um dos responsáveis pela agência para o meio ambiente da ONU, disse: "Nosso conhecimento do ecossistema aumentou de forma incrível, mas não conseguiu modificar nossa escassa habilidade para conservá-lo."

As atuais tendências de desenvolvimento não permitem prever mudanças no ritmo de deterioração dos recursos mundiais, a menos que os governos tomem em mãos a situação. O crescimento da população mundial vai intensificar os problemas de alimentação nos próximos 30 anos (aumento de 3 bilhões de pessoas). O consumo de recursos naturais pelas economias industriais continua muito elevado, entre 45 e 86 toneladas anuais por pessoa.

O uso da energia aumentou 70% desde 1971, e prevê-se que continue crescendo mais de 2% ao ano nos próximos 15 anos, o que aumentará a produção de gases causadores do efeito estufa. E a água é, sem dúvida, o recurso mais ameaçado.

Fonte: The New York Times